

POGGIO BRACCIOLINI E A TRADUÇÃO DE HUMOR NAS DEZ PRIMEIRAS FACÉCIAS DAS *FACETIAE*

Poggio Bracciolini and the Translation of Humor in the First Ten Jocose Tales of Facetiae

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-47

Ana Clara Vizeu Lopes*

Charlene Martins Miotti**

RESUMO: O presente artigo propõe a tradução para o português da introdução e das dez primeiras facécias das *Facetiae*, ou *Liber Facietiarum*, do autor italiano Poggio Bracciolini. Escritas em latim, as *Facécias* contêm 273 excertos humorísticos (mais introdução e conclusão) e foram produzidas por Bracciolini entre 1438 e 1452, fruto de reuniões particulares com outros secretários papais, conhecidas como *Bugiale*. Assim, abordamos brevemente a condição de produção da obra durante a Idade Média e alguns aspectos da biografia de Bracciolini. Para auxiliar na compreensão das escolhas tradutórias, discutimos a respeito da transculturalidade do cômico e o tipo de humor presente nas *Facécias*, utilizando principalmente os trabalhos de Henri Bergson, Marta Rosas e Sírio Possenti. Logo, o artigo buscou dar luz a uma obra relevante para a carreira de Bracciolini e para a discussão a respeito da tradução de humor, não obstante ainda pouco traduzida para o português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Facécias. Poggio Bracciolini. Humor. Idade Média. Tradução.

ABSTRACT: This article proposes the translation into Portuguese of the introduction and the first ten jocose tales of *Facetiae*, or *Liber Facietiarum*, by the Italian author Poggio Bracciolini. Written in Latin, the *Jocose Tales* contain 273 humorous excerpts (plus an introduction and conclusion) and were produced by Bracciolini between 1438 and 1452, as a result of private meetings with other papal secretaries, known as *Bugiale*. We briefly address the conditions of the work's production during the Middle Ages and some aspects of Bracciolini's biography. To assist in understanding the translation choices, we discuss the transculturality of comic and the type of humor present in the *Jocose Tales* using primarily the works of Henri Bergson, Marta Rosas and Sírio Possenti. Therefore, this article sought to shed light on a work relevant to Bracciolini's career and to the discussion regarding the translation of humor, notwithstanding still seldom translated to Brazilian Portuguese.

KEYWORDS: Jocose Tales. Poggio Bracciolini. Humor. Middle Ages. Translation.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). ORCID: 0009-0006-4525-0769. E-mail: aclaravizeu(AT)gmail.com.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

** Doutora em Linguística na área de Estudos Clássicos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora associada de língua e literatura latinas na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). ORCID: 0000-0002-4288-0398. E-mail: charlene.miotti(AT)letras.ufjf.br

1 Autor e obra

É possível considerar, no final da Idade Média e início da Idade Moderna, uma diversidade significativa nos vocabulários italianos relacionados ao humor. Segundo o historiador Peter Burke (2000, p. 54), ao descrever o sistema cômico da Península Itálica entre os períodos da “Peste Negra à Contra-Reforma”, os substantivos variavam entre “*baia, beffa, burla, facezia, giuoco, leggerezza, pazzia, piacevolezza e scherzo*”, acompanhados por adjetivos ricos, como “*beffabile, beffevole, burlesco, festevole, giocoso, grottesco, mottevole, scherzoso, sciocco*”. Burke (2000, p. 55) destaca ainda:

A variedade de gêneros cômicos merece ser enfatizada. Incluíam a própria comédia, “erudita” ou popular, abrangendo a comédia original de “pancadaria” de Arlequim na *Commedia dell’Arte*. As histórias (*novelle*) eram muitas vezes cômicas, enquanto as piadas adotavam com frequência a forma de história, *facezie*, que eram reunidas e impressas.

Apesar do destaque de gêneros cômicos na cultura e tradição italianas, o humor não atravessou os séculos incólume. Por vezes concebido com certa resistência pela Igreja, enfrentou, durante o modelo monástico, períodos marcados pelo “riso suprimido e sufocado” (Le Goff, 2000, p. 44), mesmo que, com o passar do tempo, tenha experimentado mudanças significativas em relação à forte censura eclesiástica, ganhando espaço sobretudo no meio literário.

É no efervescente contexto histórico do *Trecento* que nasce o humanista Poggio Bracciolini, em 1380. Proveniente de Terranuova, pequena comuna localizada na região da Toscana, muda-se, em seus primeiros anos de vida, para Florença, onde inicia os estudos de latim e grego com outros humanistas importantes, como Manuel Crisoloras e Giovanni Malpaghini. Somente em 1403, em Roma, assume um vínculo oficial com a Igreja Católica, tornando-se secretário do papa Bonifácio IX.¹

Entretanto, a escolha de ocupar um cargo ligado às tarefas eclesiásticas não foi tão espontânea, já que ele próprio expressava reservas em relação à Igreja em algumas de suas cartas. Ao considerar as opções possíveis para seguir carreira como escritor – o patrocínio de algum nobre ou o ingresso na Igreja –, o humanista opta pela segunda alternativa.

¹ Para as informações aqui compiladas a respeito da biografia de Poggio Bracciolini, três obras foram consultadas: os prefácios das traduções de Edward Storer e Bernhardt J. Hurwood, publicados em 1928 e 1968, respectivamente, e a obra *The Life of Poggio Bracciolini*, de 1837, por William Shepherd.

Dotado, desde cedo, de uma erudição consideravelmente respeitada e amplamente conhecido por sua habilidade com a caligrafia, Poggio não teve dificuldades em conseguir bons cargos ainda jovem. Com o passar do tempo, alcançou posições mais elevadas, como a de *scriptor penitentiarius* e, durante o papado de Martinho V, de *scriptor apostolicus*² (Cast, 2020, p. 166).

O confortável cargo de secretário papal, que durou quase 50 anos de sua vida, atravessando diversos papados, permitiu a Poggio dedicar-se amplamente não apenas à carreira de escritor, mas também a talvez sua mais reconhecida função na modernidade: descobridor de manuscritos. Segundo Christopher Celenza (2018, p. 138):

Poggio pertencia a uma camada relativamente rara de pessoas no mundo pré-moderno: aquelas que viajavam extensivamente. O serviço de Poggio junto ao papado, durante um de seus períodos mais itinerantes, significava que ele via grande parte do mundo. [...] Quando ele não era diretamente requisitado, vasculhava bibliotecas de manuscritos em busca de textos conhecidos na Idade Média, mas pouco estudados.³

Seu trabalho mais reconhecido, sem dúvida, foi a descoberta do manuscrito completo de Lucrécio, *De rerum natura*, amplamente utilizado durante o Renascimento. Outros textos, como os primeiros livros da *Argonautica*, de Valério Flaco, e obras de Quintiliano e Cícero, também integraram seu acervo de descobertas. Além disso, a produção de Poggio é prolífica, incluindo tratados como *De varietate fortunae*, *Dialogus contra avaritiam*, *De infelicitate principium*, um significativo acervo de cartas com outros humanistas, como Niccolò Niccoli e Antonio Beccadelli – autor da coleção de epigramas obscenos intitulada *Hermaphroditus* – e de disputas literárias, como aquela contra o também humanista Francesco Filelfo.

Contudo, é somente entre os anos de 1438 e 1452 que Bracciolini passa a produzir sua obra de maior circulação, sucesso já na época de seu lançamento. Originárias de encontros frequentes na alta cúria do Vaticano, as *Facetiae* ou *Liber Facietiarum* – traduzidas a partir daqui como *Facécias* – não nasceram na juventude do humanista, mas somente aos seus 70

² Ambos os cargos tinham funções administrativas específicas dentro da Igreja Católica. O *scriptor penitentiarius* lidava com questões de penitência e confissão, como a absolvição de pecados graves e a manutenção de registros de indulgências e penitências. Já o *scriptor apostolicus* era encarregado de redigir documentos oficiais, incluindo cartas, decretos e outras declarações papais.

³ “Poggio belonged to a relatively rare stratum of people in the premodern world: those who traveled extensively. Poggio’s service with the papacy during one of its most itinerant periods meant that he saw much of the world. [...] When he was not directly needed, he scoured manuscript libraries for texts known to exist in the Middle Ages but little studied” (todas as traduções são de nossa autoria, salvo indicação contrária).

anos de idade, quando resolveu reunir as histórias compartilhadas em reuniões que denominava de *Bugiale*.⁴

Durante esses encontros, Poggio e os outros secretários papais expressavam casualmente seu desdém pela sociedade da época em forma de invectivas espirituosas e ferinas sobre uma diversidade de questões. O próprio humanista, na conclusão da obra, descreve o caráter desses encontros como *mendaciorum veluti officina*, ou seja, uma espécie de oficina de mentiras. Conforme afirma Bernhardt J. Hurwood (1969, p. 17-18), tradutor das *Facécias* para o inglês:

Ele e seus companheiros eram os membros mais cultos da cúria. Como os homens mais sofisticados de toda a Itália, senão de toda a Europa, eles desenvolveram uma filosofia sardônica que os observadores modernos achariam quase agnóstica em sua perspectiva. [...] Realidade e estereótipo foram misturados até que ficou impossível distinguir um do outro. O mundo em geral tornou-se um carnaval caleidoscópico; terreno, materialista e habitado por maridos cornudos, esposas trapaceiras, clérigos lascivos e tolos monumentais. Era um lugar às avessas onde os ricos eram estúpidos e os sábios, pobres; onde ladrões e prostitutas eram virtuosos. Onde a própria virtude era um pecado.⁵

Dessa forma, considerando a relevância de Bracciolini não apenas como humanista e incansável descobridor de manuscritos, mas também como escritor versátil, as *Facécias* constituem uma parte significativa e intrigante de sua obra. No entanto, devido à extensão do texto — composto por 273 excertos, além da introdução e da conclusão — e às limitações de espaço deste artigo, optamos por nos concentrar, aqui, na introdução e nas dez primeiras facécias, propondo uma breve apresentação do autor e da obra, especialmente em face da escassez de traduções para o português.

⁴ Termo arcaico italiano, derivado de *bugia* (afirmação falsa, mentira), associado a encontros recreativos e espaços de discussão, onde, segundo Bracciolini, eram frequentemente elaboradas e compartilhadas informações de cunho falacioso.

⁵ “*He and his companions were the most enlightened members of the curia. As the most sophisticated men in all Italy, if not in all Europe, they evolved a sardonic philosophy that modern observers would find almost agnostic in outlook. [...] Reality and stereotype were blended until it was impossible to distinguish one from the other. The world at large became a kaleidoscopic carnival; earthy, materialistic, and inhabited by cuckolded husbands, cheating wives, lascivious clergymen, and monumental fools. It was a topsy-turvy place where the rich were stupid, and the wise, poor; where robbers and whores were virtuous. Where virtue itself was a sin*”.

2 Sobre a tradução

Traduzir facécias obscenas escritas há mais de quinhentos anos, tentando preservar sua função cômica, é uma tarefa que exige considerável esforço. Nesta seção, trataremos de dois aspectos ligados a esse desafio: a questão do humor e as escolhas teóricas que regeram nosso processo tradutório.

Quanto ao primeiro, concordamos com a tese de Sírio Possenti, que defende a transculturalidade do humor. Para contrapor a ideia de que o humor é cultural, o autor comenta passagens específicas do livro organizado por Pierre Daninos, *Le Tour du Monde du Rire*, publicado em 1953, incluindo um excerto de Marcel Pagnol. Segundo Pagnol, os temas que levam diferentes povos ao riso não são os mesmos, como no exemplo do sucesso das piadas sobre maridos traídos entre os franceses e de seu fracasso nas comédias inglesas e americanas. Contra isso, e a favor da concepção de que tanto as temáticas quanto as técnicas do humor se repetem em diversos contextos, Possenti (2007, p. 340) pontua:

A leitura de coletâneas de piadas de vários países [...] pode confirmar com relativa facilidade pelo menos duas teses sobre humor diferentes das defendidas nesse livro: a) que os mesmos temas se repetem em todas as culturas; b) que, com muita frequência, há também uma repetição das técnicas. Das diferentes técnicas que compõem os três grupos mencionados por Freud, só não são gerais as técnicas que dependem de peculiaridades linguísticas – trocadilhos, duplos sentidos, manipulação de material fonológico ou morfológico, duplos sentidos ou ambiguidades, idiomatismos tomados “literalmente” etc. Ou seja, não só os temas escapam à tese do “humor cultural” como, em grande medida, as próprias técnicas estão de todos os lados das fronteiras.

De que modo, então, recriar o efeito cômico provocado por Poggio ao viabilizar no Brasil do século XXI suas *Facécias* – antes reservadas para a sociedade italiana do século XV –, aproximando-as do público moderno de forma a atingir sua principal função: o riso?

Marta Rosas, em seu livro *Tradução de humor: transcriando piadas*, publicado em 2002, exemplifica uma importante distinção entre o cômico e o espirituoso, já proposta por Henri Bergson em sua teoria – que tomava como base as figuras cristalizadas nas comédias, farsas etc. – muito similar aos estereótipos mobilizados nas *Facécias* de Poggio. Daquilo que tem caráter cômico, participam duas figuras: o observador e o observado. Com elas, a dinâmica da comicidade se dispõe da seguinte forma: será cômico tudo aquilo que faça rir de quem está pronunciando a palavra. Já do espirituoso, participam observador, observado e um

terceiro. Será espirituoso, portanto, tudo que fizer rir sobre o outro ou sobre nós. Logo, será cômica a situação quando rirmos *de* nosso interlocutor, e será espirituosa quando rirmos *com* nosso interlocutor.⁶

Portanto, a distinção entre o cômico e o espirituoso parece ocorrer em duas perspectivas. Formalmente, as *Facécias* têm caráter espirituoso, já que Poggio sempre escolhe um terceiro como motivo de riso, ainda que ele mesmo participe ocasionalmente como coadjuvante nas histórias. No entanto, transforma em espirituosa uma situação que, à primeira vista, poderia parecer cômica, tornando o personagem principal da facécia consciente de sua situação ridícula.

Tendo esses elementos em mente, passamos agora a refletir sobre o processo tradutório adotado. De acordo com Paulo Henriques Britto (2021, p. 61), e seguindo a leitura de Lawrence Venuti do texto *Sobre os diferentes métodos de tradução* do filósofo alemão Friederich Schleiermacher, o tradutor pode adotar duas estratégias opostas ao lidar com o texto estrangeiro. Em uma delas, chamada de “domesticação”, o tradutor traz o texto o máximo possível para realidade do leitor que tem em mente. Na outra, “estrangeirização”, leva o leitor até o tempo e lugar original da obra que está sendo traduzida. É importante destacar que uma estratégia não prevalece sobre a outra e que “não há uma receita universal para tais casos: o tradutor terá que exercer aqui, mais uma vez, seu senso de medida” (Britto, 2021, p. 73).

Portanto, duas motivações levaram às escolhas de uma tradução que buscou manter, sempre que possível, a proximidade com o original. A primeira delas está ligada ao parentesco compartilhado entre línguas como o latim e o português. Por conta disso, a maioria das piadas não só puderam ser preservadas – principalmente em relação a sua estrutura e humor – mas traduzidas quase que literalmente quando compartilhavam estruturas tão semelhantes. Como exemplo, a oitava facécia:

⁶ Sobre a distinção entre cômico, espirituoso e outras características do humor, cf. Bergson, 2018.

[8] *Tum subridens Zucharus: 'Isti,' inquit, 'matrimonium consummarunt, ego jam patrimonium consumpsi.'*

[...]

Facete in se ipsum dixit, qui, venditis paternis bonis, patrimonium omne comedendo ludendoque consumpserat.

[8] Então, Zucaro disse rindo:

– **Estes daí consumaram matrimônio, já eu consumi meu patrimônio.**

[...]

Riu da própria situação, pois, negociando uma boa quantia do dinheiro do pai, **consumiu** tudo comendo, bebendo e jogando.

No caso citado, a piada residiria no trocadilho entre os verbos *consummo* e *consumo*, diferenciados pela consoante longa. Em português, contudo, pode-se manter esse efeito através do par de verbos “consumar” e “consumir”, que acabam por compartilhar o mesmo sentido com o latim. Fato semelhante ocorre com *matrimonium* e *patrimonium*, substantivos que também deixaram como herança grande afinidade com a língua portuguesa. A respeito da tradução literal, seguimos o pensamento de Vazquez-Ayora (1977, p. 257):

Se existe entre eles uma correspondência precisa de ‘estrutura’ e ‘significado’, e a equivalência se cumpre monema por monema, ocorre a tradução literal, podendo ser aplicada sem risco. O tradutor não deve alterar este processo pela ânsia de mudança ou pelo simples receio das críticas (dos ignorantes) de que sua tradução seja literal no sentido pejorativo do termo.⁷

O segundo motivo seria, então, a já citada e reconhecida conduta erudita de Poggio. Embora a obra explore temas escatológicos e absurdos, ela se distingue, como pontuou Derek Brewer (2000, p. 77), pela “linguagem culta como um indicativo do grupo educado e socialmente coeso do qual se originam”. Por conta disso, as escolhas tradutórias das *Facécias* se encaminharam menos para uma adaptação mais casual, ou mais parecida com a informalidade das piadas hoje conhecidas. Desse modo, o eventual estranhamento ocasionado no leitor é justificado pela tentativa de preservar ao máximo o polimento literário do autor, do qual estamos afastados temporal e culturalmente.

Por fim, apresentamos a tradução da introdução e dos dez primeiros excertos das *Facécias* em português, usando como base a edição de 1879, com tradução em inglês, publicada por Isidore Liseux em dois volumes. Também foram consultadas as traduções de

⁷ “Si... existe entre ellas una correspondência precisa de ‘estructura’ y ‘significación’, y la equivalência se cumple monema por monema, se produce la traducción literal, y se la puede aplicar sin riesgo. El traductor no debe alterar esse proceso por el prurito de cambio o por el simple temor a la crítica (de los ignorantes) de que su traducción es literal en el sentido peyorativo del término”.

Hurwood (1968) para o inglês, de Guillaume Tardif (1878) para o francês e de Ugo Bassini (1885) para o italiano.

3 Facécias

| | |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">Ne æmuli carpant Facetiarum opus, propter eloquentiæ tenuitatem.</p> <p>Multos futuros esse arbitror qui has nostras confabulationes, tum ut res leves et viro gravi indignas reprehendant, tum in eis ornatorem dicendi modum et majorem eloquentiam requirant. Quibus ego si respondeam, legisse me nostros Majores, prudentissimos ac doctissimos viros, facetiis, jocis et fabulis delectatos, non reprehensionem, sed laudem meruisse, satis mihi factum ad illorum existimationem putabo. Nam qui mihi turpe esse putem hac in re, quandoquidem in cæteris nequeo, illorum imitationem sequi, et hoc idem tempus quod reliqui in circulis et cœtu hominum confabulando conterunt, in scribendi cura consumere, præsertim cum neque labor inhonestus sit, et legentes aliqua jucunditate possit afficere? Honestum est enim ac ferme necessarium, certe quod sapientes laudarunt, mentem nostram variis cogitationibus ac molestiis oppressam, recreari quandoque a continuis curis, et eam aliquo jocandi genere ad hilaritatem remissionemque converti. Eloquentiam vero in rebus infimis, vel in his in quibus ad verbum vel facetiæ exprimendæ sunt, vel aliorum dicta referenda, quærere, hominis nimium curiosi esse videtur. Sunt enim quædam quæ ornatius nequeant describi, cum ita recensenda sint, quemadmodum protulerunt ea hi qui in confabulationibus conjiciuntur. Existimabunt aliqui forsitan hanc meam excusationem ab ingenii culpa esse profectam, quibus ego quoque assentior. Modo ipsi eadem ornatius politiusque describant, quod ut faciant exhortor, quo lingua Latina etiam levioribus in rebus hac nostra ætate fiat opulentior. Proderit enim ad eloquentiæ doctrinam ea scribendi</p> | <p style="text-align: center;">Que rivais não censurem este livro de Facécias por conta de sua escassez de elegância</p> <p>Existirão muitos no futuro, presumo, que possam repreender essas nossas conversas, ou por considerarem assuntos frívolos e indignos de homens sérios, ou então por buscarem um modo de falar mais refinado e de maior eloquência. Se a isso respondesse ter lido que nossos antepassados, homens prudentíssimos e doutos, deliciaram-se com facécias, piadas e histórias e não obtiveram repreensão, mas sim enaltecimento, julgarei ter feito o suficiente para alcançar a estima deles. Então, por que deveria achar que fiz algo infame ao ter seguido o modelo deles nisso – visto que não posso [acompanhá-los] em outros aspectos – e também ao dedicar aos cuidados com a escrita o tempo que outros desperdiçaram conversando com homens em reuniões e encontros dos quais deixei de participar, especialmente quando o trabalho não é desonesto e pode levar algum tipo de satisfação para aqueles que estão lendo? É honesto, de fato, e quase necessário – sem dúvida homens sábios exaltaram essa prática – que nossa mente, subjugada por vários pensamentos e inquietações, por vezes possa se reconfortar de seus problemas constantes ao voltar-se para a alegria por meio de algum gênero de diversão. Na verdade, buscar por eloquência em coisas mais humildes, seja naquelas que são facécias que devem ser expressas com nossas palavras, seja nas que devem retomar o que outros disseram, parece ser um ato bastante impertinente por parte do homem. Há certas coisas que não podem ser descritas com maior ornamento, visto que devem ser expostas exatamente da mesma forma como foram contadas por alguém em algumas conversas. Alguns talvez julgarão que essa minha desculpa foi dada por falta de engenho, motivo com o qual eu</p> |
|---|--|

| | |
|---|---|
| <p>exercitatio. Ego quidem experiri volui, an multa quæ Latine dici difficulter existimantur, non absurde scribi posse viderentur, in quibus cum nullus ornatus, nulla amplitudo sermonis adhiberi queat, satis erit ingenio nostro, si non inconcinne omnino videbuntur a me referri. Verum facessant ab istarum <i>Confabulationum</i> lectione (sic enim eas appellari volo) qui nimis rigidi censores, aut acres existimatores rerum existunt. A facietis enim et humanis (sicut Lucilius a Consentinis et Tarentinis) legi cupio. Quod si rusticiores erunt, non recuso quin sentiant quod volunt, modo scriptorem ne culpent, qui ad levationem animi hæc et ad ingenii exercitium scripsit.</p> | <p>mesmo também concordo. Então, que os próprios escrevam a mesma coisa com mais ornamento e polidez, algo que eu encorajo que façam, para que a língua latina, nesse nosso tempo, torne-se mais esplêndida até mesmo nas coisas mais triviais. De fato, o exercício de escrevê-las será vantajoso para a arte da eloquência. Eu até mesmo desejei testar se porventura muitas coisas que são consideradas difíceis de serem ditas em latim poderiam não parecer absurdas quando escritas. Para essas, só fui capaz de formular discursos sem nenhum ornamento e nenhuma grandeza, mas será suficiente para meu gênio se essas facécias entregues por mim não parecerem de todo malfeitas.</p> <p>Contudo, que se afastem da leitura dessas <i>Conversas</i> (assim desejo que sejam chamadas) aqueles que se mostram críticos excessivamente rígidos ou avaliadores impetuosos. Anseio, na verdade, que sejam lidas por indivíduos espirituosos e civilizados (assim como Lucílio pelos cosentinos e tarentinos). Já se forem mais incultos, não os rejeito por interpretarem da forma como bem desejam, desde que não culpem seu escritor, que as escreveu para aliviar a mente e para exercitar o engenho.</p> |
| <p>1. Fabula Prima Cujusdam Cajetani Pauperis Naucleri</p> <p>Cajetani, qui plebei sunt, ut plurimum navigio victum quærent. Nauclerus ex eis admodum pauper, cum ad varia loca lucri causa, relicta domi uxore juvencula, et tenui supellectile, navigasset, post quintum ferme annum rediit. E navi e vestigio ad visendam uxorem (quæ interim viri redditum desperans cum alio convenerat), domum proficiscitur. Ingressus, cum eam majori ex parte instauratam in meliusque auctam vidisset, admiratus, uxorem quæsivit quo modo domuncula, antea informis, esset perpolitata. Respondit statim mulier, sibi in ea re ejus, qui omnibus fert opem, Dei gratiam affuisse: – ‘Benedicatur,’ inquit vir, ‘Deus, pro tanto hoc beneficio erga nos suo!’ Videns insuper cubile, lectumque ornatiorem, reliquamque supellectilem mundam ultra quam ferret uxoris condicio, cum percontatus esset, unde illa quoque provenissent, et Dei indulgentiam illa sibi</p> | <p>1. Primeira história: sobre um pobre dono de um navio de Gaeta</p> <p>Muitos dos cidadãos de Gaeta, que são um povo humilde, tiram seu sustento do mar. Um dono de um navio, o mais pobre dentre os outros, abandonou a jovem esposa em uma casa parcamente mobiliada para navegar até diferentes lugares em busca de lucro. Retornou depois de quase cinco anos e, no momento em que saiu do navio e pôs os pés no chão, correu até sua casa para ver a esposa, a qual, sem esperança que o marido voltasse, havia se relacionado com outro nesse meio tempo. Depois de ter entrado, deparou-se com a maior parte da casa renovada e ampliada, e perguntou boquiaberto para a esposa de que modo podia a casinha, antes horrorosa, estar agora tão completa. Imediatamente, a mulher respondeu que aquilo havia sido [obra] da graça de Deus, que leva abundância a todos os homens.</p> <p>– Deus seja louvado por ter-nos dado tanto com sua benevolência! – disse o homem.</p> |

| | |
|--|---|
| <p>subministrasse asseveravit: gratias iterum vir Deo egit, qui tam liberalis in se fuisset. Eodem modo, et aliis quibusdam, quæ nova domi et insueta videbantur, conspectis, cum largioris Dei munificentiam affuisse diceret, virque ipse tam profusam erga se Dei gratiam admiraretur, supervenit scitulus puer triennio major, blandiens (ut mos est puerorum) matri. Conspicanti hunc marito sciscitantique quisnam puer esset, suum etiam uxor respondit. Stupenti, quærentique viro, unde se absente puer provenisset, Dei quoque in eo acquirendo sibi astitisse gratiam mulier affirmavit. Tunc vir indignatus divinam gratiam etiam in procreandis filiis sibi adeo exuberasse: 'Multas jam,' inquit, 'gratias Deo habeo agoque, qui tot cogitationes suscepit de rebus meis.' Visum est homini, Deum nimium curiosum fuisse, qui etiam de comparandis, se absente, liberis cogitarit.</p> | <p>Então, ele vê, na parte de cima, no quarto do casal, a cama adornada, o restante da mobília bem mais refinada do que a condição da esposa podia permitir. Quando perguntou a ela de onde também provinham aquelas coisas, a mulher enfatizou que a graça de Deus tinha dado tudo isso a eles. O homem agradeceu novamente a Deus, que tinha sido tão generoso com ele. Da mesma forma ocorreu quando foram percebidas por ele as outras coisas já acomodadas pela casa. Quando perguntava a procedência de tudo, a mulher dizia que chegavam através da generosidade de Deus, o mais benevolente entre todos. Assim, o homem ficava cada vez mais maravilhado com tamanha abundância da graça de Deus por ele.</p> <p>Até que um menino adorável com cerca de três anos apareceu encantando a mãe do modo característico como fazem os meninos. Observando a criança, o marido perguntou a quem pertencia o menino.</p> <p>– É meu – respondeu a esposa. Surpreso, o homem indagou por onde havia entrado aquele menino, se ele mesmo estivera fora durante um tempo.</p> <p>– É também através da graça de Deus que o ganhei – afirmou a mulher. Então, o homem, exasperado com tamanha graça que gerava até mesmo filhos, disse:</p> <p>– Agora tenho muitas obrigações para com Deus, que cuidou tão bem dos meus interesses! Pareceu ao homem que Deus havia pensado nele de forma muito diligente, concebendo até mesmo filhos em sua ausência.</p> |
| <p>2. De Medico Qui Dementes Et Insanos Curabat</p> <p>Plures colloquebantur de supervacua cura, ne dicam stultitia, eorum qui canes aut accipitres ad aucupium alunt. Tum Paulus Florentinus: 'Recte hos,' inquit, 'risit stultus Mediolanensis.' Cum narrari fabulam posceremus: 'Fuit,' inquit, 'olim civis Mediolani dementium et insanorum Medicus, qui ad se delatos intra certum tempus sanandos suscipiebat. Erat autem curatio hujusmodi: habebat domi aream, et in ea lacunam aquæ foetidæ atque obscenæ, in quam nudos ad palum ligabat eos qui insani</p> | <p>2. Sobre o médico que curava os loucos e os desequilibrados</p> <p>Muitos [de nós] falávamos a respeito da frivolidade, ou até mesmo da total estupidez, daqueles que criam cães e aves para a caça. Então, Paulo Florentino disse:</p> <p>– Certo estava o idiota de Milão quando riu desse tipo de gente.</p> <p>Pedimos que ele prosseguisse com a história.</p> <p>– Outrora havia um médico de Milão que tratava dos loucos e desequilibrados e assumia para si a responsabilidade de curar, dentro de um certo tempo, os que estavam sob seus cuidados – contou.</p> |

| | |
|--|--|
| <p>adducebantur: aliquos usque ad genua, quosdam inguine tenus, nonnullos profundius pro insanix modo, ac eos tamdiu aqua atque inedia macerabat, quoad viderentur sani. Allatus est inter cæteros quidam, quem usque ad femur in aquam posuit, qui post quindecim dies cœpit respiscere, ac curatorem rogare ut ex aqua reduceretur. Ille hominem exemit a cruciatu, ea tamen condicione, ne aream egrederetur. Cui cum diebus aliquot paruisset, ut universam domum perambulet, item ut exteriorem januam non egrederetur permisit; reliquis sociis, qui plures erant, in aqua relictis. Paruit diligenter Medici mandatis.</p> <p>'Stans vero aliquando super ostium, neque enim egredi audebat timore lacunae, advenientem Equestrem juvenem cum accipitre et duobus canibus, ex his qui sagaces dicuntur, ad se vocavit, rei motus novitate, neque enim, quæ ante in insania viderat, tenebat memoria. Cum accessisset juvenis: 'Heus tu,' inquit ille, 'ausculta, oro, me paucis, ac, si libet, responde: hoc quo veheris, quid est, et quamobrem illud tenes?' 'Equus est,' inquit, 'et aucupii gratia.' Tum deinceps: 'Vero hoc quod manu gestas, quid vocatur et in qua re illo uteris?' 'Accipiter,' respondit, 'et aucupio aptus querquedularum et perdicum.' Tum alter: 'Hi qui te comitantur, qui sunt, age, et quid prosunt tibi?' 'Canes,' ait, 'et aucupio accommodati ad investigandas aves.' 'Hæ autem aves, quarum capiendarum causa tot res paras, cujus pretii sunt, si in unum conferas totius anni capturam?' Parum quid nescio cum respondisset, et quod sex aureos non excederet, subdit homo: 'Quaenam est equi, canumque et accipitris impensa?' 'Quinquaginta aureorum,' affirmavit. Tum admiratus stultitiam Equestris juvenis: 'Ho ho,' inquit, 'abi hinc ocyus, oro, atque adeo avola, antequam Medicus domum redeat. Nam si hic te compererit, veluti insanissimum omnium qui vivant, in lacunam suam conjiciet curandum cum cæteris mente captis, atque ultra omnes usque ad mentum in aquam summam collocabit.' Ostendit aucupii porro studium summam esse amentiam, nisi aliquando et ab opulentis, et exercitii gratia fiat.</p> | <p>O tratamento funcionava desta forma: o médico tinha um pátio em casa, e nele um fosso de água fétida e podre, dentro do qual amarrava desnudos a uma estaca de madeira os desequilibrados que eram levados até ele. Alguns ele afundava inteiramente até os joelhos, outros até a virilha, uns ainda mais fundo de acordo com o nível de loucura do paciente. E assim os deixava de molho na água e com fome por muito tempo, até que visse sinal de sanidade.</p> <p>Entre os pacientes havia um certo sujeito que foi mergulhado no poço até as coxas. Depois de quinze dias, começou a se recuperar e a implorar ao médico para que fosse retirado da água. Ele removeu o homem daquela tortura, mas sob a condição de que ele não saísse do pátio. Depois de alguns dias de obediência, o médico permitiu que ele andasse por toda a casa, mas sem passar da porta. Enquanto isso, o restante dos companheiros, que eram muitos, ficava abandonado no poço. Então, ele obedeceu diligentemente às ordens do médico.</p> <p>Certa vez, parado na soleira da porta – pois não se atrevia a mais um passo com medo de retornar ao fosso – chamou até si um jovem que vinha a cavalo com um falcão e dois cães daqueles que são chamados de rastreadores. Era uma visão nova para ele – qualquer movimento era novidade – pois não tinha lembrança do que vira do mundo antes da loucura. Então, chamou o jovem e, quando se aproximou, disse:</p> <p>"Ei, tu! Escuta por um momento e responde se assim desejares: o que é isso que estás montando e qual a razão?"</p> <p>"É um cavalo. Serve para caçar aves."</p> <p>"E isso que estás carregando em seu pulso?", continuou, "como se chama e para que serve?"</p> <p>"É um falcão. Treinado para caçar patos e perdizes."</p> <p>"E esses que te acompanham? O que são e para que te servem?"</p> <p>"São cães. Treinados para rastrear aves."</p> <p>"Mas essas aves, que tu te preparas tanto para capturar, quanto lucro te dão em um ano?"</p> <p>O jovem respondera que não sabia exatamente, mas [o ganho] não excedia seis ducados.</p> <p>"E quanto gastaste com o cavalo, cães e o falcão?", perguntou o homem.</p> <p>"Cinquenta ducados."</p> |
|--|--|

| | |
|--|---|
| | <p>Espantado com a imbecilidade do jovem a cavalo, disse:</p> <p>“Ah! Sai daqui voando, antes que o médico volte para casa! Se ele te pega aqui, te achará o homem mais insano de todos e te jogará no fosso para te curar junto aos outros pacientes. E, além disso, colocará teu corpo na água até a cabeça!”</p> <p>Mostrou, assim, que o gosto pela caça é uma insanidade, a menos quando a atividade é praticada por ricos ou como exercício físico.</p> |
| <p>3. Bonacii Guasci Qui Tam Tarde E Lecto Surgebat</p> <p>Bonacius, adolescens facetus ex familia Guasorum, dum essemus Constantiae, admodum tarde surgebat e lecto. Cum socii eam tarditatem culparent, quidne tamdiu in lecto ageret, percunctarentur, subridens respondit: 'Litigantes disceptantesque ausculto. Adsunt enim mane mihi e vestigio cum expergiscor duæ habitu muliebri, Sollicitudo videlicet et Pigritia; quarum altera surgere hortatur et aliquod operis agere, neque diem in lecto terrere; altera priorem increpans, quiescendum asserit, et propter frigoris vim in calore lecti permanendum, indulgendumque corporis quieti, neque semper laboribus vacandum. Prior insuper rationes suas tuetur. Ita ut, cum diutius disputent atque altercentur, ego, tanquam æquus iudex, nullam in partem declinans, audio disputantes, exspectans quoad sint sententia concordantes. Hoc fit ut surgam tardius, exspectantes litem finem.'</p> | <p>3. Sobre Bonácio Guasci, que levantava muito tarde da cama</p> <p>Bonácio, jovem facetos da família dos Guasci, quando estávamos em Constança, levantava muito tarde da cama. Quando os amigos criticavam sua preguiça – e o que fazia por tanto tempo na cama –, respondia rindo:</p> <p>– É que eu ouço uma boa briga de manhã quando acordo. Nessa hora, estão claramente presentes duas figuras femininas: Disposição e Preguiça. Uma me encoraja a levantar, arrumar algum trabalho e não perder o dia todo na cama. A outra censura a primeira, reivindica o direito ao sossego, de permanecer na cama quente perante o poder avassalador do frio, de cuidar do corpo descansando-o bem, sem sobrecarregá-lo sempre com trabalho. Contudo, a Disposição segue firme em seus motivos. Assim, quando continua a disputa e a discussão entre as duas por mais tempo, eu, como juiz imparcial, escuto ambas as partes, esperando até que haja uma sentença unânime. E ocorre que, por causa disso, levanto tarde, aguardando o final da contenda.</p> |
| <p>4. De Judæo Nonnullorum Suasu Christiano Facto</p> <p>Judæum cum multi hortarentur ad Christi fidem, ægre ille bona sua dimittebat. Suadebant complures, ut ea daret pauperibus, quoniam, secundum Evangelicam sententiam, quæ esset verissima, centuplum esset accepturus. Persuasus tandem ad fidem conversus est, distributis inter pauperes, egenos et mendicos bonis. Inde per mensem fere hospitio exceptus est honorifice a diversis Christianis; cum ei omnes blandirentur, et laudarent factum. Ille tamen, qui precario viveret, exspectabat in dies centupli</p> | <p>4. Sobre um judeu que se converteu ao cristianismo por influência de terceiros</p> <p>Um judeu, que muitos exortavam a se tornar cristão, estava aflito ao ter que se livrar de seus bens. Muitos recomendavam que ele os desse aos pobres, já que, segundo o que dizia o evangelho (sendo a verdade absoluta), seria compensado em cem vezes mais. Finalmente convencido, foi convertido à fé e distribuiu os bens entre os pobres, indigentes e pedintes.</p> <p>Depois disso, por quase um mês, foi recebido de forma respeitável por vários cristãos, que o lisonjeavam e louvavam o que tinha feito. Contudo, ele, que vivia em situação precária,</p> |

| | |
|---|---|
| <p>promissionem: et cum multos satietas cibandi hominis cepisset, jamque rarus invitator reperiretur, cœpit homo admodum egere, ita ut ei necesse esset divertere ad hospitale quoddam, in quo morbo correptus ad extremum vitæ devenit, cum sanguis per posteriora efflueret. Desperans itaque salutem, et simul pollicitationis diffusus centupli, ex anxietate quadam aerem quærens, egressus est lectum ad secessum ventris in pratulum propinquum: ubi cum constitisset, quæsit post egestionem ad tergendum anum herbis, invenit involutum linteum refertum pretiosis lapidibus. Quare ditior factus, adhibitis Medicis convaluit, atque domo empta et possessionibus, vixit postmodum in summa rerum opulentia. Cum ergo diceretur ab omnibus, 'Ecce, nonne verum prædiximus, tibi Deum centuplum redditurum?' 'Reddidit,' inquit ille, 'sed tamen prius ut usque ad interitum cacarem sanguinem permisit.' Dictum contra eos qui tardi in beneficio dando et reddendo existunt.</p> | <p>aguardava dia após dia a recompensa prometida de cem vezes mais. Quando muitos já estavam saturados de alimentá-lo e já era raro receber um convite, o homem começou a se esvaír de forma descontrolada e teve de ir até um hospital. Achou que chegava ao fim de sua vida enquanto sentia o sangue fluir por trás. Encontrava-se desesperado por sua saúde e, ao mesmo tempo, perdendo toda a esperança na promessa da recompensa cêntupla. Certo dia, procurando um pouco de ar fresco por conta da ansiedade, saiu da cama e foi até uma pequena pastagem vizinha para aliviar a dor de barriga. Tendo terminado o serviço ali, pôs-se a procurar algum mato para limpar o ânus, quando notou um embrulho de linho revestido de pedras preciosas. Tendo se tornado mais rico [do que antes] e tendo consultado médicos, recuperou a saúde, comprou uma casa, outras propriedades e viveu desde então na mais alta fartura. Então todos disseram: – Veja só! Não dissemos que Deus te devolveria cem vezes mais? – É verdade – ele disse. – Mas não devolveu antes de permitir que eu cagasse sangue. Essa é para aqueles que só reconhecem e retribuem um favor muito tempo depois.</p> |
| <p>5. De Homine Insulso Qui Existimavit Duos Cunnos In Uxore Homo e nostris rusticanus, et haud multum prudens, certe in coitu mulierum rudis, sumpta uxore, cum illa aliquando in lecto renes versus virum volvens, nates in ejus gremio posuisset, erecto telo uxorem casu cognovit. Admiratusque postmodum et rogans mulierem, an duos cunnos haberet, cum illa annuisset: 'Ho, ho,' inquit, 'mihi unus satis est, alter vero superfluus.' Tum callida uxor, quæ a Sacerdote parochiano diligebatur: 'Possumus,' inquit, 'ex hoc eleemosynam facere; demus eum Ecclesiæ et Sacerdoti nostro, cui hæc res erit gratissima, et tibi nihil oberit, cum unus sufficiat tibi.' Assentit vir uxori, et in gratiam sacerdotis, et ut se onere superfluo levaret. Igitur, eo vocato ad cœnam, causaque exposita, cum sumpto cibo lectum unum tres ingrederentur, ita ut mulier media esset, vir anteriori parte, posteriori alter ex dono</p> | <p>5. Sobre um homem idiota que achou que a esposa tinha dois buracos iguais Um sujeito campesino de nossa vila, dotado de nenhum critério e um verdadeiro boçal na arte do sexo, arrumou uma esposa. Certa noite, rolando na cama com o quadril virado na direção do marido, ela encaixa as nádegas no colo dele, que, já armado, descobriu sem querer [o outro buraco d]a esposa. Depois, ainda maravilhado, ele pergunta se a esposa tem dois buracos iguais. Ela logo sorri confirmando. – Rá, rá! – ele responde rindo. – Um só já é suficiente para mim. Na verdade, o outro é até desnecessário. Então, a esposa, muito malandra, e que mantinha um caso com o sacerdote da paróquia, propôs: – Nesse caso, podemos fazer uma boa ação! Vamos doar um para Igreja e para o sacerdote, que ficará muito bem-agraçado. Tu não perderás nada, já que um só te basta. O marido consente à esposa para agradar ao</p> |

| | |
|--|--|
| <p>uteretur, Sacerdos famelicus concupitique cibi avidus, prior aggreditur aciem sibi commissam: qua in re uxor quoque submurmurans strepitum quemdam edebat. Tunc vir timens ne partes suas aggrediretur: 'Serva,' inquit, 'amice, inter nos conventa, et tua portione utere, meam intactam relinquens.' Huic Sacerdos: 'Det mihi gratiam Deus,' inquit, 'nam tua parvi facio, ut bonis tantum Ecclesiæ uti possim.' His verbis acquiescens stultus ille, quod Ecclesiæ concesserat, libere uti iussit.</p> | <p>sacerdote, julgando estar se livrando de um fardo desnecessário. Então, convocado [o convidado] para um jantar e apresentada a proposta, os três terminam a refeição e avançam para uma única cama com a mulher no meio, o marido atrás e o outro na frente. O sacerdote esganado, ávido pela parte desejada desde a refeição, investe contra a mulher, que mostra também querer a mesma coisa com um gemido sussurrado. Temendo que estivessem atacando sua propriedade, o homem diz: – Espere aí, amigo! Lembra-te do nosso acordo, aproveite a tua parte e deixa a minha em paz. – Valha-me Deus! – responde o sacerdote. – Pois eu não faço questão da tua parte, desde que eu possa usar pelo menos a parcela da Igreja. Com essas palavras, o marido imbecil se tranquiliza e concede passagem ao servo da Igreja, que se deleita sem nenhum pudor.</p> |
| <p>6. De Vidua Accensa Libidine Cum Paupere Hypocritarum genus pessimum est omnium qui vivant. Cum de his semel in coetu me præsentem sermo exortus esset, dicereturque omnia hypocritis abundare, qui cum dignitatum atque bonorum ambitione ardeant, tamen simulando ac dissimulando agunt, ut non sponte, sed inviti ac superiorum præcepto honores assequi videantur: tum quidam ex astantibus dixit eos similes Paulo cuidam Beato qui habitabat Pisis, unus ex eis qui vulgo Apostoli vocantur, quorum est consuetudo sedere ad ostium nihil petentes. Cum ut nobis exponeret quis is fuisset rogaremus: 'Paulus,' inquit, 'qui, propter vitæ sanctimoniam, Beatus vulgo cognominabatur, sedit aliquando cujusdam viduæ ad ostium, quæ sibi cibum præbebat in eleemosynam. Illa, conspicata sæpius virum (erat enim formosus) exarsit in Paulum, ciboque dato rogavit, ut postredie rediret, se curaturam ut bene pranderet. Cum frequens domum mulieris accessisset, illa tandem rogavit hominem ut intus accederet ad sumendum cibum; annuit hic, et cum opipare ventrem cibo potuque farsisset, mulier, libidinis impatiens, virum amplectitur, osculaturque, asserens non inde abiturum, priusquam se</p> | <p>6. Sobre a viúva fogaosa que desejou um homem pobre A raça de hipócritas é a pior de todas as que existem. Em certa ocasião na qual eu estava presente, surgiu uma conversa sobre esse tipo de pessoa. Dizia-se que os hipócritas têm tudo em abundância e – ávidos como são por prestígio e adulação – agem ainda fingindo e dissimulando, para que pareçam aos outros alcançar honrarias não de maneira espontânea, mas coagidos por ordem de superiores. Então, um dos que estavam presentes disse: – Eles se parecem com um certo Paulo, beato que morava em Pisa, daqueles que vulgarmente são chamados de santo e têm costume de sentar-se à porta sem pedir nada. Quando perguntamos quem havia sido ele, continuou: – Paulo, chamado de beato por causa de sua santidade em vida, uma vez sentou-se à porta de uma viúva que oferecia comida para ele como esmola. Tendo regularmente observado o varão – que era muito bonito –, a mulher ficou obcecada por Paulo. Pediu, então, que retornasse no próximo dia para que ela lhe oferecesse comida e se certificasse de que ele tivesse uma ótima refeição. Com frequência, ele ia para a porta da mulher, até que ela lhe pediu que fosse para dentro da casa para receber a comida. O homem</p> |

| | |
|---|--|
| <p>cognoscat. Ille reluctanti similis, ac detestans mulieris ferventem cupiditatem, cum illa obscenius instaret, tandem cedens viduae importunitati: 'Posteaquam,' inquit, 'tantum malum patrare cupis, testor Deum, opus tuum erit: ego procul absum a culpa. Tu ipsa,' inquit, 'cape hanc maledictam carnem' (jam enim virga erecta erat), 'et ipsamet utere, ut lubet: ego enim eam minime tangam.' Ita invitus mulierem subegit, licet propter abstinentiam non tangeret carnem suam, totum peccatum tribuens mulieri.'</p> | <p>aceitou e, no momento em que estava de barriga cheia, a mulher, louca de desejo, o abraçou e beijou, puxando-o para si e não deixando que fosse embora daquele lugar até ela estar satisfeita. Ele fingiu resistir e detestar o desejo fervente da mulher, mas, quando ela o pressionou de forma mais obscena, finalmente cedeu à persistência da viúva.</p> <p>– Já que desejas tanto pecar, o próprio Deus será testemunha da tua obra! Eu me abstenho da culpa. Tu mesma usa dessa carne maldita! – disse com a lança já em riste</p> <p>– Serve-te, fica à vontade, pois eu sequer a toquei!</p> <p>Então, subjugou-se coagido à mulher e, como não tinha o direito de tocar o próprio corpo, atribuiu todo o pecado à viúva.</p> |
| <p>7. De Equestri Palliato Ibam semel ad Pontificis Palatium. Transibat quidam e nostris palliatus equester, et forsan implicitus curis, hunc quispiam cum detecto capite reveretur, non animadvertit Episcopus. At ille superbia aut arrogantia factum existimans: 'Hic,' inquit, 'asini sui medietatem nequaquam reliquit domi, sed totum secum defert.' Significans eum asinum, qui se reverentibus non responderet.</p> | <p>7. Sobre o prelado a cavalo Certa vez, eu estava a caminho do Palácio dos Pontífices quando cruzou comigo um de nossos prelados da Igreja montado em um cavalo. Por acaso estava tão absorto em seus próprios problemas que, quando um indivíduo tirou o chapéu da cabeça cumprimentando-o, o bispo não prestou atenção. E depois ele, julgando a ocasião como um exemplo de presunção e arrogância, disse:</p> <p>– Esse aí certamente não deixou metade da burrice em casa, carregou logo tudo consigo para a rua.</p> <p>Dando a entender que burro é aquele que não responde às reverências dos que cumprimentam.</p> |
| <p>8. Dictum Zuchari Perambulantes aliquam urbem vir facetissimus omnium qui viverent Zucharus egoque, pervenimus ad locum ubi celebrabantur nuptiæ. Postridie quam sponsa domum venerat, stetimus paululum animi relaxandi gratia, respicientes una psallentes viros ac mulieres. Tum subridens Zucharus: 'Isti,' inquit, 'matrimonium consummarunt, ego jam patrimonium consumpsi.' Facete in se ipsum dixit, qui, venditis paternis bonis, patrimonium omne comedendo ludendoque consumpserat.</p> | <p>8. O dito de Zucaro Andando por uma cidade qualquer, eu e Zucaro, um dos homens mais facetos que já pisou nessa terra, chegamos a um lugar onde estava sendo realizado um casamento. No dia seguinte, quando a recém-casada já tinha ido embora, ficamos mais um pouco por lá para relaxar a cabeça e observar o salmodiar dos rapazes e das moças. Então, Zucaro disse rindo:</p> <p>– Estes daí consumaram matrimônio, já eu consumi meu patrimônio.</p> <p>Riu da própria situação, pois, negociando uma boa quantia do dinheiro do pai, consumiu tudo comendo, bebendo e jogando.</p> |

| | |
|---|---|
| <p>9. De Praetore Quidam iturus Florentiam Prætor, qua die urbem introivit, habuit de more in majori templo coram prioribus civitatis sermonem longum sane et molestum; nam ordiri in suam commendationem cœpit se fuisse Romæ senatorem, ubi quicquid ab se, itemque a reliquis in suam laudem honoremque dictum factumve exstiterat, prolixo sermone explicavit. Exitum deinceps ex Urbe comitatumque recensuit: primo die Sutrium contulisse se dixit, et quae ibi a se acta erant singulatim. Tum dietim quo in loco hospitiove fuisset, ac quicquid ab eo gestum, quaque de re esset narravit. Plures horæ jam hac in narratione transierant, et nondum pervenerat Senas. Cum omnibus sermonis odiosi longitudo infensa esset, neque finis fieret dicendi, videbatur autem ille universum diem in his fabulis consumpturus, et cum nox jam appropinquaret, tunc unus ex astantibus jocabundus ad aurem Prætoris accedens: 'Domine,' inquit, 'hora jam tarda est, festinetis iter oportet. Nam nisi hodie Florentiam intraveritis, cum hodiernus dies sit vobis constitutus ad veniendum, officium hoc amittetis.' Hoc intellecto, stultus homo ac loquax tandem retulit se Florentiam venisse.</p> | <p>9. Sobre um magistrado Certo dia, um magistrado que estava indo a Florença logo adentrou a cidade e realizou o extenso, e certamente tedioso, discurso costumeiro na catedral com a presença dos cidadãos mais importantes. Com intenção de engrandecer a si mesmo, começou a contar como já tinha sido nomeado senador de Roma. Expôs em um discurso prolixo o que ele havia feito até ali e também tudo o que foi dito em seu louvor e honra em relação aos seus atos. Depois, descreveu sucessivamente sua saída da cidade e a de sua comitiva: no primeiro dia, disse que se reuniram em Sutri, contando em detalhes as ações por ele realizadas ali. E então narrou todas as coisas que aconteceram, o dia a dia de quem o recebeu, onde foi e o que fez. Já muitas horas tinham se passado naquela ladainha e nem chegara ainda a Siena. A extensão enfadonha do discurso já deixava a plateia toda aborrecida, e o público não via fim no falatório, imaginando se todo aquele dia estava para ser desperdiçado com historinhas. Quando a noite já se aproximava, um rapaz, sujeito um tanto jocoso, chegou perto das orelhas do magistrado e disse: – Meu senhor, já é tarde. É necessário apressar a viagem, porque, caso contrário, não entrará em Florença ainda hoje. Como sua chegada foi estipulada para este dia, terá então falhado em sua missão. Depois de compreender o que o homem havia dito, o magistrado estúpido e falador finalmente referiu que havia chegado em Florença.</p> |
| <p>10. De Muliere Quæ Virum Defraudavit Petrus contribulis meus olim mihi narravit fabulam ridiculosam et versutia dignam muliebri. Is rem habebat cum fœmina nupta agricolæ haud multum prudenti, et is foris in agro sæpius ob pecuniam debitam pernoctabat. Cum aliquando amicus intrasset ad mulierem, vir insperatus rediit in crepusculo: tum illa, subito collocato subtus lectum adultero, in maritum versa, graviter illum increpavit, quod redisset, asserens velle eum degere in carceribus: 'Modo,' inquit, 'Prætoris satellites ad te capiendum universam domum perscrutati sunt, ut te abriperent ad carcerem: cum dicerem te foris</p> | <p>10. Sobre a mulher que enganou o marido Certa vez Pedro, meu conterrâneo, me contou uma história engraçada sobre a astúcia natural das mulheres. Ele tinha um caso com uma mulher que era esposa de um agricultor não muito inteligente e que, por causa de sua dívida aos credores, frequentemente pernoitava no campo. Um dia, quando meu amigo estava com a mulher, o marido apareceu de repente no fim da tarde. Rapidamente ela colocou o amante debaixo da cama e repreendeu o marido de forma violenta por ter voltado, dizendo que, assim, ele queria passar a vida na prisão. – Mas os guardas do pretor estão te procurando por toda casa para te arrastar até a cadeia!</p> |

| | |
|--|---|
| <p>dormire solitum, abierunt, comminantes se paulo post reversuros.' Quærebat homo perterritus abeundi modum: sed jam portæ oppidi clausæ erant. Tum mulier: 'Quid agis, infelix? Si caperis, actum est.' Cum ille uxoris consilium tremens quæreret, illa ad dolum prompta: 'Ascende,' inquit, 'ad hoc columbarium: eris ibi hac nocte, ego ostium extra occludam, et removebo scalas, ne quis te ibi esse suspicari queat.' Ille uxoris paruit consilio. Ea, obserato ostio, ut viro facultas egrediendi non esset, amotis scalis, hominem ex ergastulo eduxit, qui simulans lictores Prætoris iterum advenisse, magna excitata turba, muliere quoque pro viro loquente, ingentem latenti timorem incussit. Sedato tandem tumultu, ambo in lectum profecti ea nocte Veneri operam dederunt; vir delituit inter stercora et columbos.</p> | <p>Quando disse a eles que tu costumavas dormir fora de casa, foram embora ameaçando voltar daqui a pouco – disse a esposa. O homem, aterrorizado, buscava uma maneira de escapar, mas as portas da cidade já estavam trancadas. Então a mulher disse: – O que vais fazer, infeliz? Se te pegam, acabou. Enquanto ele tremia e pedia um conselho para a esposa, ela estava pronta para a trapaça: – Sobe para o viveiro das pombas! – falou. – Vais passar a noite por lá, eu fecho a porta por fora e tiro as escadas. Ninguém vai suspeitar que estás lá. Ele seguiu o conselho da esposa e ela, trancando a porta por fora para que o homem não tivesse a chance de sair, removeu as escadas e tirou o amante do esconderijo. [Este] fingiu que os guardas do pretor chegavam novamente em grande número, enquanto a mulher defendia o marido, enchendo-o de ainda mais medo. Acabado finalmente o tumulto, ambos os amantes se entregaram à Vênus durante a noite, ao mesmo tempo em que o marido se escondeu entre excrementos e pombos.</p> |
|--|---|

Referências

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.

BRACCIOLINI, Poggio. **Les facécies de Poge, Florentin**. Tradução de Guillaume Tardif. Paris: Léon Willem, 1878.

BRACCIOLINI, Poggio. **Facezie di Poggio Fiorentino**. Roma: Casa Editrice A. Sommaruga E C., 1885.

BRACCIOLINI, Poggio. **The Facetiae of Poggio and Other Medieval Story-Tellers**. Translated by Edward Storer. London: G. Routledge & Sons; New York: E. P. Dutton & Co., 1928

BRACCIOLINI, Poggio. **The facetiae or jocose tales of Poggio**. Paris: Isidore Liseux, 1879.

BREWER, Derek. Livros de piada em prosa predominantes na Inglaterra entre os séculos XVI e XVIII. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 76-94.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BURKE, Peter. Fronteira do cômico nos primórdios da Itália moderna. *In*: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 53-65.

CAST, David. Poge the Florentyn: A Sketch of the Life of Poggio Bracciolini. *In*: RICCI, Roberta; PUMROY, Eric L. **Poggio Bracciolini and the Re(dis)covery of Antiquity: Textual and Material Traditions**. Firenze: Firenze University Press, 2020. p. 163-172. <https://doi.org/10.36253/978-88-6453-968-3.12>

CELENZA, Christopher S. **The Intellectual World of the Italian Renaissance: Language, Philosophy, and the Search for Meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. <https://doi.org/10.1017/9781139051613>

DANINOS, Pierre (Org). **Le tour du monde du rire**. Paris: Hachette, 1953.

HURWOOD, Bernhardt J. Preface. *In*: BRACCIOLINI, Giovanni Francesco Poggio. **The Facetiae**. Londres: Tandem Books, 1968. p. 9-22.

LE GOFF, Jacques. O riso na Idade Média. *In*: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 36-46.

POSSENTI, Sírio. Humor de circunstância. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 9, p. 333-344, 2007. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p333-344>

ROSAS, Marta. **Tradução de humor: transcribando piadas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

VASQUEZ-AYORA, Gerardo. **Introducción à la traductología**. Washington: Georgetown University Press, 1977.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução**. Tradução de Daniel Bueno. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

SHEPHERD, William. **The Life of Poggio Bracciolini**. Liverpool: Printed for Harris Brothers for Longman, Rees, Orme, Brown, Green & Longman, 1837.

Recebido em: 17.06.2024

Aprovado em: 31.08.2024